

PERSPECTIVA MUNDO: Novo governo da Índia pode recuperar crescimento do PIB

São Paulo, 23 de maio de 2014 - Mesmo com todos os desafios de caráter econômico, político e religioso na atual Índia, o novo primeiro-ministro, Narendra Modi, parece ter inspirado no mercado a confiança de que ele será capaz de recuperar as taxas de crescimento do país, segundo analistas entrevistados pela Agência CMA.

Na semana passada, os indianos elegeram o nacionalista hindu Modi, do partido Bharatiya Janata (BJP), para o cargo de primeiro-ministro no lugar do atual Manmohan Singh, que pertence ao partido rival, o Congresso. As expectativas são de que o novo líder consiga repetir a história de sucesso econômico que teve no Estado de Gujarat, onde governou por dez anos.

Com um perfil reformista e pró-negócios, Modi conseguiu posicionar Gujarat entre os estados indianos de maior crescimento, atraindo investimentos estrangeiros e nacionais e reduzindo a corrupção.

No período de 2011 a 2012, o Produto Interno Bruto (PIB) do estado cresceu 8,5%, enquanto a economia da Índia avançou entre 5% e 6%. "O desempenho econômico de Gujarat ajudou a promover a imagem de Modi em todo o país e os eleitores indianos, principalmente os jovens, esperam que ele repita esse feito em nível nacional", afirmou Mohan Guruswamy, diretor do Centro Político de Alternativas na Índia.

A agenda econômica de Modi, publicada no manifesto do partido BJP, em 26 de março, promete recuperar os investimentos estrangeiros diretos à Índia e melhorar o setor de infraestrutura no país. "Essa agenda aumentará a competitividade da Índia e abrirá caminho para a economia voltar a crescer na órbita de 6,5% a 7% por ano", destacou Dharmakirti Joshi, economista-chefe da agência de rating Crisil - filiada à Standard & Poor's. Em 2013, o PIB da Índia cresceu 3,8%.

Segundo Joshi, as cinco prioridades no novo governo serão domar os altos níveis de inflação, completar a consolidação fiscal, melhorar a qualidade dos ativos bancários e a capitalização do setor financeiro, encorajar o mercado de dívidas e estimular o setor manufatureiro na Índia. Mas realizar tudo isso será uma tarefa de imensa complexidade.

METAS AMBICIOSAS

Em relação à inflação, Modi terá que aliar as políticas monetária e fiscal para desacelerar as altas nos preços dos alimentos e realizar mudanças radicais sobre a capacidade de armazenamento e distribuição de frutas e legumes no país, especialmente com a aproximação do fenômeno climático El Niño, que reduzirá o nível de chuvas durante a temporada de monções.

No que se refere às indústrias e empregos, o partido pretende simplificar os processos para aquisições de terrenos e aprovações ambientais, melhorar a infraestrutura e reformar as leis trabalhistas, medidas essenciais para estimular o ambiente de negócios da Índia, representado, em sua maioria, por micro, pequenas e médias empresas.

De acordo com Guruswamy, os planos de Modi também incluem projetos megalomaniacos como a construção de 100 novas cidades, do primeiro trem-bala do país, de um projeto de irrigação que liga a maioria dos rios na Índia e de um programa ecológico para limpar o rio Ganges.

"A Índia precisará de cerca de US\$ 2 trilhões para fazer tudo isso. Ninguém sabe como ele conseguirá o dinheiro, mas ele tentará de tudo. Ele não tem um perfil que se assusta com o tamanho do desafio", afirmou Guruswamy.

O analista acrescenta que só por tentar tudo isso e pensar grande, Modi poderá ressuscitar a economia indiana e recuperar as taxas de crescimento para níveis vistos antes de 2009. Um bom presságio foi visto logo após o anúncio de sua vitória, quando os mercados financeiros reagiram com euforia. A bolsa indiana subiu 6% e atingiu o maior nível da sua história, enquanto a rúpia chegou à maior cotação em relação ao dólar dos últimos 11 meses.

"Tudo leva a crer que Modi terá sucesso em colocar o país na trajetória de alto crescimento. Os trabalhadores indianos, as empresas e os empreendedores serão o motor que farão o país voltar a crescer mais", comentou Gunjan Bagla, diretor da Amrirt Ventures, consultoria que orienta investimentos na Índia. "Modi só precisa fornecer a plataforma que permita os indianos focarem mais no crescimento do que na burocracia do governo".

OPOSIÇÃO POLITICA

Apesar dos grandes planos econômicos, Modi tem pela frente um obstáculo político importante: a falta de assentos de seu partido na Câmara Alta do Parlamento (Rajya Sabha), o que pode fomentar a criação de coalizões com interesses contrários aos dele na aprovação de leis.

Nas eleições de agora, o BJP alcançou ampla maioria da câmara baixa, a Lok Sabha, ocupando 282 dos 545 lugares. Porém, na Rajya Sabha, onde a maioria dos membros é escolhida por assembleias estaduais e membros da Lok Sabha, o partido do primeiro-ministro tem apenas 42 dos 250 assentos, enquanto o partido rival, Congresso, ocupa 68 cadeiras.

Modi é o primeiro premier a governar a Índia sem uma coalizão em 30 anos, o que mostra sua força e popularidade. No entanto, o sistema político indiano, assim como o dos Estados Unidos, está recheado de limites sobre a autoridade central, e mesmo com a maioria entre os deputados no Parlamento, a falta de controle do BJP no Senado ameaça a agenda legislativa.

"Se a oposição cair em cima dele, o governo pode se sentir acuado e ficar preocupado com as próximas eleições, o que o forçaria a reduzir o ritmo. O desafio de Modi será chegar ao outro lado do corredor e construir um consenso sobre as grandes questões que afligem a Índia. Isso é mais fácil de falar do que de fazer em um sistema político altamente competitivo", destaca Guraswamy.

Além disso, segundo Gunjan Bagla, da consultoria Amritt Ventures, como muitas questões econômicas são conduzidas em nível estadual e não nacional, é possível que alguns estados não participem dos planos de revitalização econômica com o mesmo vigor que outros. "O próprio governo será um desafio e o fato de que as futuras reformas terão que acontecer em níveis estaduais significa que Modi não poderá controlar tudo que quiser", afirmou.

DESAFIOS RELIGIOSOS

Além das dificuldades econômicas e políticas, o novo primeiro-ministro terá que enfrentar também as reivindicações das minorias não hinduístas, as adversidades climáticas e tentar apagar as manchas de seu currículo.

Em fevereiro de 2002, quando Modi era ministro-chefe de Gujarat, o estado presenciou um dos maiores massacres decorrentes de conflitos religiosos na Índia, que terminou com mais de dois mil mortos - na maioria, muçulmanos. Modi é acusado de ter sido conivente com a situação, não impedindo a violência e estimulando a perseguição aos muçulmanos. "Ele também tem uma imagem de linha-dura e de radical hindu. Mas a Índia não é um país apenas hindu", afirmou Guruswamy.

Desta forma, Modi terá que convencer a comunidade minoritária da Índia, os muçulmanos, de que o seu partido não vai promover uma ideologia social e política sectarista.

"O grau de hinduísmo e de nacionalismo do BJP é mais forte do que em outros partidos. A Índia é um país onde fundamentalismo islâmico, fundamentalismo hindu e fundamentalismo sikh [uma religião monoteísta] já provocaram muitos estragos", avaliou o historiador e professor da Unicamp, Leandro Karnal. "O ultra-nacionalista hindu Modi até então teve um discurso moderado. No entanto, em caso de fracasso político ou econômico, o discurso pode deixar de ser moderado como válvula de escape".

Já no curto prazo, outro risco que se apresenta ao crescimento da Índia será o efeito do El Niño nas monções do país. De acordo com previsões meteorológicas, há uma forte possibilidade de o fenômeno - que acontece entre maio e setembro - exercer impacto negativo sobre o clima na região, já que provoca o deslocamento de ventos úmidos durante o período de monções.

Atsi Sheth, analista da Índia para a Moodys Investors Service explica que uma fraca monção reduziria a produção agrícola e o fornecimento de alimentos, afetando o crescimento do PIB e aumentando a inflação.

"Isso também aumentaria o déficit fiscal (uma vez que a comida é subsidiada pelo governo) e poderia manter as taxas de juros altas por um longo período", afirma Sheth.

Paula Selmi / Agência CMA

Edição: Pâmela Reis (pamela.reis@cma.com.br)

Copyright 2014 - Grupo CMA

23/05 11:00 CMA (CMA) Nr. 1315400068
(INT,PER)